



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0355/2014

Sonho com o dia em que todos levantar-se-ão e compreenderão que foram feitos para viverem como irmãos."

Nelson Mandela

O presente projeto objetiva denominar Praça Nelson Mandela, o logradouro público inominado localizado entre os números 30 e 40 da Rua Grajaú, Chácara do Conde, Grajaú, São Paulo, SP.

A propositura encontra amparo no art. 13, inc. XXI da Lei Orgânica do Município de São Paulo.

Nelson Mandela é um cidadão do mundo. E um homem que se dedicou a liberdade de seu povo de tal forma que inspira todos os defensores de direitos humanos. E o símbolo por excelência da resistência à opressão e ao racismo na luta pela justiça e pela emancipação humana.

Nascido em 18 de julho de 1918, no Mvezo, Mandela é de etnia xhosa e membro da tribo dos tembu, África do Sul. Procedente de uma família de treze filhos, Mandela foi o primeiro a estudar em uma escola metodista e a cursar direito na Universidade de Fort Hare, a única que aceitava, então, negros face às proibições do governo segregacionista do apartheid.

O apartheid, sistema imposto em 1948 depois da vitória do Partido Nacional Purificado, instaurava a doutrina da superioridade da raça branca e dividia a população sul-africana em quatro grupos distintos: brancos (20%), índios (3%), mestiços (10%) e negros (67%). Esse sistema segregacionista discriminava 4/5 da população do país.

Foram criados os "bantustões", reservas territoriais destinadas aos negros, mestiços e índios, como forma de controle e domínio aos segregados. Assim, 80% da população foi obrigada a viver em 13% do território nacional, muitas vezes sem recursos naturais ou industriais, na total indigência.

Em 1951, Mandela se transformou no primeiro advogado negro de Johannesburg e assumiu a direção do CNA — Congresso Nacional Africano — na província de Transvaal um ano depois. Também foi nomeado vice-presidente nacional.

Foi responsável pela criação e divulgação da defiance campaign, contra o governo racista do apartheid, e utilizou a desobediência civil contra as leis segregacionistas.

Em março de 1960, depois do massacre de Sharperville, perpetrado pela polícia contra os manifestantes antissegregação, que custou a vida de 69 pessoas, o governo do apartheid proibiu o CNA.

Mandela fundou então o Umkhonto we Sizwe (MK) e preconizou a luta armada contra o governo racista sul-africano. Antes de optar pela doutrina da violência legítima e necessária, Mandela se inspirou da filosofia da não violência de Gandhi: "Embora tenhamos pegado em armas, não era nossa opção preferida. Foi o governo do apartheid que nos obrigou a pegar em armas. Nossa opção preferida sempre foi a de encontrar uma solução pacífica para o conflito do apartheid."

O MK multiplicou, então, os atos de sabotagem contra os símbolos e as instituições do apartheid, preservando ao mesmo tempo vidas humanas; lançou com sucesso uma greve geral e preparou o terreno para a luta armada com o treinamento militar de seus membros.

No dia 5 de agosto de 1962, depois de 17 meses de vida clandestina, Mandela foi preso em Johannesburg. Condenado a prisão perpétua, junto com outros membros do CNA — Congresso Nacional Africano, cumpriu pena em Robben Island em condições extremamente duras.

Durante o cárcere, Mandela se inspirava no poema Invictus de William Ernest Henley: “It matters not how strait the gate/How charged with punishments the scroll/ I am the master of my fate:/I am the captain of my soul”. (Não importa quão estreito é o portão! E quantas são as punições listadas! Eu sou o mestre do meu destino/ Eu sou o capitão da minha alma)

No dia 6 de dezembro de 1971, a Assembleia Geral das Nações Unidas qualificou o apartheid como crime contra a humanidade e exigiu a libertação de Nelson Mandela.

Finalmente, foi libertado em fevereiro de 1990.

Recebeu o Prêmio Nobel da Paz por sua obra a favor da reconciliação nacional, em 1993.

Em 1994, inicia o mandato de presidente da África do Sul. Comandou a justiça de transição. Transformou a realidade do governo de minorias e apartheid, para a reconciliação nacional e internacional. Construiu a democracia e lançou as bases daquilo a que arcebispo anglicano Desmond Tutu chamou uma Nação Arco-Íris, com liberdade para todos os cidadãos sul africanos. E sempre através do exemplo, ensinou a perdoar.

No dia 1 de dezembro de 2009, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou, em votação unânime de seus 192 membros, resolução que decreta o dia 18 de julho como Dia Internacional Nelson Mandela, em homenagem à luta do herói sul-africano contra todas as injustiças.

O Brasil conheceu Mandela em dois momentos diferentes de sua vida: na primeira visita, veio o homem recém-libertado que buscava apoio internacional em sua caminhada à Presidência de uma África do Sul marcada pela divisão racial. Anos mais tarde, foi o primeiro presidente negro do país que desembarcou em Brasília, em lua de mel de seu terceiro casamento. Nas duas ocasiões, o Brasil fez festa, embalada por samba, capoeira e afoxé.

Em sua primeira visita declarou: “Quando vejo seus rostos tenho a sensação de estar em casa, porque a mistura da população é como a nossa. E nós damos as boas vindas a esse fato, porque a miscigenação enriquece o país”.

Mandela faleceu em 01 de setembro de 2013. É exemplo de vida e perseverança e será uma honra homenageá-lo com a denominação de uma das praças de nossa Cidade.

Em face do exposto, solicito a colaboração dos membros desta edilidade para aprovação da presente proposição, uma vez que revestida de alto interesse público.

Publicado no Diário Oficial da Cidade em 07/08/2014, p. 109

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.camara.sp.gov.br.